

CONFABULANDO



LIVRO DO
EDUCADOR

CONFABULANDO



LIVRO DO
EDUCADOR

CONFABULANDO

Livro do Educador

**NEREDA**
CENTRO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

CONFABULANDO - Livro do educador
nov. 1994

Texto: Vera Barreto
Capa - Sebastião Xavier

VEREDA - Centro de Estudos em Educação
Rua Purpurina, 287 - CEP 05435-030
São Paulo SP - telefone e fax (011) 210-5249

Este material foi produzido em parceria com o
Movimento de Educação de Base (MEB)
Projeto: Alfabetizando em Parceria

Amiga e amigo alfabetizador,

CONFABULANDO é o segundo livro de uma série feita com o objetivo de ajudar você, educador de jovens e adultos, na seleção e no trabalho com textos escritos, em salas de alfabetização.

Assim como no primeiro, a nossa idéia ao preparar este material não foi a de transformá-lo no único livro de leitura dos educandos.

Acreditamos que num curso de alfabetização, o educando deve ter a oportunidade de ter contato com o maior número possível de textos escritos. Só assim ele poderá se tornar o leitor e escritor que desejamos.

Desta forma, no nosso modo de ver, cada sala de alfabetização deveria ter pelo menos uma caixa com livros, revistas, jornais, boletins à disposição dos educandos. Os textos precisam estar nas mãos dos alfabetizando para que o trabalho de alfabetização não vá por "água abaixo".

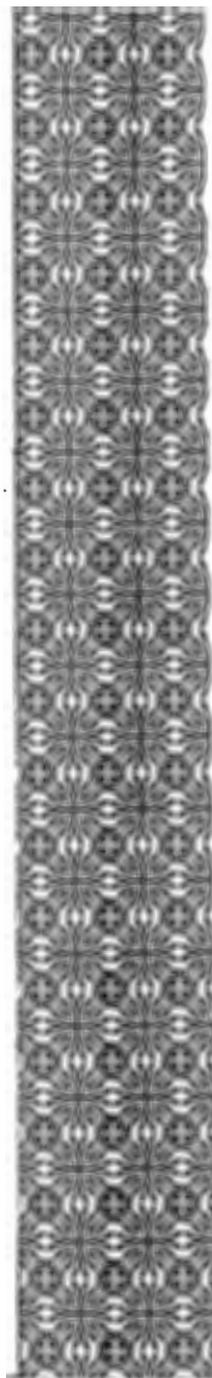
O **CONFABULANDO** poderá engordar estas caixas/bibliotecas. Ele poderá também ser adquirido pelos alfabetizando para que tenham também, em casa, material de leitura. Uma outra hipótese é do curso ter vários exemplares para uso coletivo em alguns momentos da sala de aula.

O **CONFABULANDO - Livro do educador** traz nas primeiras páginas alguns comentários sobre a visão de alfabetização em que nos apoiamos. Traz também considerações sobre nosso tema de trabalho atual: a narrativa.

Logo depois, passamos às fábulas, estas histórias tão antigas mas tão vivas na memória de todos nós. Achamos importante que você leia o capítulo da página 13 porque nele você vai encontrar o sentido que estamos dando a este tipo tão especial de narração.

Depois escolhemos algumas fábulas para com elas pensarmos a sala de aula.

As sugestões para o seu trabalho estão sempre destacadas, com letras inclinadas. Elas são sugestões e estarão sempre a espera de sua criatividade.



Índice

Apresentação	3
Índice	5
Alfabetização é mais que decifrar palavras escritas	7
A narração	9
A Fábula	13
O corvo e a raposa	16
O leão e o rato	21
A raposa e as uvas	24
O rabo da raposa	28
A raposa e a cegonha	31
A causa da chuva	33
O galo e a raposa	37
A "leitura" da imagem: trabalhando	44
Bibliografia	45

Alfabetizar é mais do que decifrar palavras escritas

Gordon Wells, um membro do Instituto de Estudos em Educação de Ontário (Canadá) escreveu um interessante artigo onde apresenta o que considera como condições para uma alfabetização integral. Achamos importante apresentar aqui algumas de suas idéias porque elas apresentam pontos significativos para o nosso trabalho de alfabetização.

Nos últimos vinte anos, a concepção tradicional de alfabetização sofreu grandes transformações. Deixou de ser a aplicação individual de uma série de técnicas para codificar e decodificar textos escritos.

Em primeiro lugar está a constatação de importância fundamental de que os textos possuem ampla variedade de objetivos.

Estes diferentes objetivos dão origem a diferentes tipos de texto. Textos que por sua vez, exigem diferentes modos de compreensão.

Estar alfabetizado significa estar em condições de "ler" de modo conveniente os diferentes tipos de textos e assim atingir os objetivos deles.

Em todas as sociedades, a escrita apresenta várias funções. Mas, a importância do uso de cada tipo de texto varia de um grupo cultural para outro, assim como o valor que lhe é dado.

Na nossa cultura ocidental, os tipos de textos mais frequentemente encontrados são os ligados diretamente com a ação (anúncios de publicidade, programas de televisão, bilhetes que lembram coisas a fazer...).

Para muitos adultos, tais textos constituem a maior parte de suas experiências diárias em matéria de leitura e escrita.

Uma segunda categoria, bem maior, inclui textos cujo objetivo principal é a transmissão de informação. Estão nesta categoria os manuais de trabalho, os livros escolares, as enciclopédias, os livros de receitas...

A capacidade de leitura destes textos, mesmo que ocasionais, é importante para todos os membros de uma sociedade alfabetizada.

Uma terceira categoria inclui textos que oferecem, não exatamente informação, mas a interpretação do autor sobre o significado desta informação ou mesmo de algum aspecto da experiência humana real ou imaginária (exposições sobre teorias científicas, novelas, obras teatrais, histórias). Estes textos constituem recursos intelectuais e espirituais de uma sociedade. Entrando em contato com eles, desenvolvemos, descobrimos e compreendemos o que somos, acreditamos e valorizamos.

Os esforços para elevar os níveis de alfabetização têm ficado no primeiro e segundo modo, aqui descritos, de confrontar-se com o texto. Sem negar a importância do texto funcional e informativo para os assuntos práticos da vida diária, é o terceiro grupo (o do "pensamento letrado") o mais vital para a plena participação em uma sociedade alfabetizada. Qualquer esforço para se alcançar uma alfabetização de fato deve preocupar-se com o desenvolvimento da capacidade necessária para o aproximar-se do pensamento letrado. **Alfabetização é isto, pensamento e ação baseados no texto**

A Narração

Era uma vez...



Os homens e as mulheres sempre gostaram de ouvir e de contar histórias.

Imaginar os enredos, dirigir os destinos das personagens, contar histórias do dia a dia ou fatos extraordinários, tudo isso foi sempre considerado como uma coisa muito atraente.

No começo da civilização, quando ainda não havia a escrita, as histórias ficavam guardadas na memória. Elas iam passando de pessoa para pessoa pela fala.

Os primeiros registros de histórias apareceram nas pinturas do homem da caverna. Eram imagens simples, que revelavam coisas comuns (caça, pesca, lutas...).

Quando apareceu a escrita, aquilo que antes era contado pelo desenho ou pela fala passou a ser escrito.

Até o século XV, as histórias eram copiadas a mão. Por isso muito pouca gente tinha a oportunidade de conhecer estes textos.

Só com a invenção da imprensa, em 1452, apareceu a possibilidade de se produzir uma grande quantidade de cópias. Com isto cresceu o número dos leitores.

Hoje, as narrativas estão presentes nos livros, jornais e revistas.

As narrações ou histórias, contadas oralmente ou por escrito, podem ser fatos reais ou imaginários.

Geralmente, as notícias são narrações de acontecimentos reais.

Cachorro invasor interrompe o jogo Brasil x Inglaterra

“Não foi um cachorro, mas dois! O juiz saiu correndo atrás do primeiro, com a torcida rindo. Quem acabou pegando o cachorro foi meu companheiro Greaves, que ficou de quatro no gramado para agarrá-lo. O segundo cachorro

entrou no campo pouco depois e passou por todos nós. Saiu do outro lado, sem ninguém pegá-lo. Lembro que Garrincha ficou rindo o resto da partida.”

Do inglês **Bobby Moore**, sobre o jogo Brasil 3 x 1 Inglaterra - 1942

Nos contos, romances e novelas os acontecimentos narrados são imaginários, inventados ou fictícios:



SE MEU DÓLAR FALASSE. Cultura, 17h. Brasil, 1970, 101 min. Direção: Carlos Coimbra. Com Dercy Gonçalves, Grande Otelo, Zélia Hoffman.

Dercy é uma dona de boutique que, inadvertidamente, joga no lixo um monte de dólares de uma quadrilha de traficantes. Comédia sem muito alcance.

A narração na sala de aula

Todos nós sabemos contar histórias.

Os alfabetizados contam, frequentemente, casos acontecidos com eles no trabalho, em casa ou na rua. O que muitos provavelmente não sabem é que são autores de narrativas. Outra novidade para eles, será deixar no papel as histórias, até então, só faladas.

** Uma boa forma de começar o trabalho com narrações é provocar na sala de aula o aparecimento de "casos", de histórias trazidos pelos educandos.*

Para isto bastam sugestões do tipo:

- quem quer falar de um caso acontecido com ela ou ele no trabalho ou na rua;*
- quem viu acontecer um caso engraçado e gostaria de contar para todos;*
- quem se lembra de uma história que tenha ouvido contar no tempo em que era criança;...*

Começando a trabalhar a partir de histórias contadas pelos alfabetizados, você está valorizando as habilidades e conhecimentos já adquiridos por eles. Isto é importante porque é a partir do que conhecemos que construímos os novos conhecimentos.

Você poderá escolher uma das histórias contadas para analisá-la quanto a sua organização. Isto é, verificar se o texto está completo e coerente.

Para isto, é bom ter a história escrita no quadro ou numa folha de papel grande.

Você poderá estimular os alfabetizados perguntando sobre:

- qual o assunto da história;
- quais as personagens presentes;
- qual a ação acontecida;
- qual o local onde a história aconteceu;
- qual o tempo em que a história se deu.



A Fábula

Você acreditaria num político que na campanha para sua eleição promettesse melhorar a vida do povo embora sempre tenha tomado posição do lado dos ricos?

Como você certamente já notou, nem sempre o que se diz tem relação com o que se faz.

Pois bem, grande parte das fábulas foram escritas para revelar estas contradições entre o que é dito e o que é feito.

Cada fábula mostra um recurso usado na linguagem das pessoas para mascarar seus propósitos, para encobrir suas intenções, para modificar o significado de seus atos.

Neste sentido, a fábula é uma história que mostra as possibilidades da linguagem humana.

A fábula deixa evidente que a linguagem, muitas vezes é usada, não para revelar a realidade, mas para ocultá-la.

Entendida assim, a fábula não é uma historietta sem importância, mas um estudo sobre a natureza humana.

A fábula é um tipo de narração. Uma narração especial que pode ser dividida em duas partes: a narração propriamente dita e a moral.

Na fábula, as personagens, muitas vezes, são animais. Animais que funcionam como figuras simbólicas atuando sempre como representantes de outros.

A fábula é sempre uma história de homens e mulheres, mesmo quando as personagens são animais.

Por este motivo os animais das fábulas falam e sentem paixões humanas, revelando que são representantes dos seres humanos.

A moral completa o significado da narração, ela indica como deve ser compreendida a história contada.

Embora muitos pensem o contrário, a moral não é a parte fundamental da fábula.

Você pode notar também que a moral da fábula nem sempre é ética. Um exemplo disso é a moral da fábula do lobo e do cordeiro que diz que "a razão do mais forte é sempre a melhor". A apresentação de uma moral tão pouco ética fez com que a fábula fosse, durante um certo tempo considerada nociva às crianças, na França. Acreditava-se que ela pudesse fazer mal à formação delas.

Entretanto, quando lemos a fábula como um estudo a respeito dos enganos que as pessoas praticam com a linguagem, esse tipo de narrativa ganha um novo significado.

A fábula passa, então, a representar um dos mais belos esforços do homem no sentido de conhecer a linguagem como poderoso instrumento, que serve para enganar e oprimir, mas também para revelar verdades e libertar.



** Na sala de aula, trabalhar com fábulas significa analisar a linguagem humana como instrumento usado para esconder a realidade.*

Você pode começar este trabalho trazendo exemplos desta situação. Você e os alfabetizados poderão fazer uma listagem com estas situações. Veja alguns exemplos:

- um anúncio de emprego que começa dizendo: "Procure nossa empresa de vendas e ganhe quanto você quiser..."

- um jovem que tenta namorar uma moça e não conseguindo exclama: "Ainda bem que não vou ter que aguentar a família dela..."

- um vendedor que diz: "compre hoje porque amanhã vai aumentar o preço".

- um candidato que tendo sido reprovado no concurso exclama: "não passei porque o concurso foi uma marmelada."

(Casos de propagandas, de promessas de políticos, de artigos de jornal... são bons exemplos...)

Governo promete preço estável em 94

LUX
O SABONETE DAS ESTRELAS

REDE REAL
SUA SATISFAÇÃO OU
SEU DINHEIRO DE VOLTA

MALUF DIZ QUE EM 95 INVESTIRÁ COM FORÇA NO SOCIAL

O corvo e a raposa



Um corvo, empoleirado sobre uma árvore, segurava em seu bico um queijo. Uma raposa, atraída pelo cheiro, dirigiu-lhe as seguintes palavras:
- Olá, doutor corvo! Como o senhor é lindo! Se sua voz se assemelha a sua plumagem, então o senhor é a fênix dos moradores deste bosque.

Diante dessas palavras, o corvo, todo orgulhoso resolveu mostrar sua voz. Abriu o bico, deixando cair o pedaço de queijo que foi logo saboreado pela raposa.

- Meu senhor, aprenda esta lição: todo bajulador vive às custas de quem lhe dá ouvidos. Esta lição vale, sem dúvidas um queijo. O corvo envergonhado jurou não cair mais nessa.

O corvo e a raposa

A fábula do corvo e da raposa começa descrevendo a situação do corvo: empoleirado em cima de uma árvore segurando um pedaço de queijo no bico.

O cheiro do queijo chamou a atenção da raposa despertando nela o desejo de provar do queijo. Aí estava o problema: o queijo estava num lugar impossível para quem nasceu sem asas.

A raposa começou uma série de comportamentos para trazer o queijo ao seu alcance. Começou pela manipulação. A raposa era o manipulador e o corvo, o manipulado.

A raposa disse ao corvo que ele era lindo e que se sua voz fosse tão bela quanto sua penas, ele seria a fênix daqueles bosques. Como a fênix é uma ave lendária de raríssima beleza, a raposa estava manipulando o corvo através da sedução.

O corvo aceitou a manipulação proposta pela raposa; acreditou nos elogios ("o corvo não cabia em si de contente") e exibiu - se para a raposa ("abre o bico para mostrar sua bela voz"). Com isso, deixou cair o pedaço de queijo que foi imediatamente agarrado pela raposa.

No final, a raposa acaba colocando a história como lição para o corvo: todo bajulador vive às custas de quem lhe dá ouvidos.

Quando a gente analisa esta fábula fica claro que ela desvela o mecanismo da bajulação. O adalador quer sempre conseguir

alguma coisa da pessoa que ele bajula. Geralmente ele se serve da sedução, dos elogios a qualidade que o adulado gostaria de ter.

Não há nenhuma correspondência entre o que é dito e a realidade: o corvo não tinha nem lindas penas nem bela voz. Entretanto, o desejo de ter as qualidades que lhe são atribuídas leva a pessoa elogiada a envaidecer-se e a acreditar no que é dito durante a sedução. Isso dá ao bajulador o que ele deseja: um poder, um saber ou qualquer outro objeto que ele valoriza e não pode obter sozinho. Dessa forma, o bajulador vive às custas de quem lhe dá ouvidos.

** Na sala de aula, este texto se presta a diferentes estratégias de leitura, como:*

A - leitura em duplas

Neste caso o mais interessante é formar duplas de educandos de diferentes níveis de domínio da leitura. É uma boa forma de estimular a troca entre eles.

B - leitura dramatizada

Você pode organizar a leitura distribuindo os papéis das personagens pelos leitores: um lerá a parte do corvo, outro da raposa, outro do narrador.

C - dramatização do texto

Um grupo de educandos apresenta o que leu através de uma dramatização. Neste caso, os participantes se expressam com suas palavras.

** Um outro exercício interessante envolvendo o sentido desta fábula é fazer de conta que você está assistindo a um bajulador na ação de seduzir. Imagine a situação e escreva:*

- o que diz este bajulador quando ele é o namorado e a ba

julada é a namorada;

- quando o bajulador é o homem e a bajulada a mulher;*
- quando a bajuladora é uma moça elegante e a bajulada uma moça muito gorda;*
- quando o bajulador é o aluno e a bajulada a professora;*
- quando o bajulador é o político candidato e a bajulada a eleitora;*
- quando o bajulador é jovem e o bajulado um velho;*
- quando o bajulador é seu amigo e a bajulada você.*

** Que tal encontrar formas de descobrir quando alguém está bajulando?*

As opiniões anotadas criarão uma listagem interessante.

** Outra boa forma de pensar sobre o poder das palavras é analisar questões do tipo:*

- quando você escuta de Dom Paulo Arns: "é preciso proteger os meninos e meninas de rua".

Você acredita?

Quando você escuta a mesma frase de um policial, você acredita?

- quando você escuta de um grupo de assalariados: "Queremos que os preços não subam"

Você acredita?

Quando você escuta a mesma frase de um grupo de comerciantes, você acredita?

E quando a mesma frase é dita por um grupo de grandes industriais, você acredita?

Você deve ter percebido que avaliamos o que lemos ou ouvimos a partir dos conhecimentos de que dispomos.

Quando leio ou ouço Dom Paulo Arns falar de meninos de rua eu aceito ou não o que leio ou escuto fundamentada na minha experiência em relação a Dom Paulo e às suas atitudes.

** Voltando ao texto da história contada pela fábula do corvo.*

Podemos exercitar nossa imaginação e escrita propondo aos educandos que criem um novo final para a história imaginando que o corvo tenha comido o queijo e só depois cantado para a raposa.

É interessante que os educandos troquem entre eles as histórias criadas.

Um dos problemas da escrita na escola está no fato de que lá o educando quase que só escreve para o professor. (E, pior ainda, escreve para ser avaliado e ter uma nota.)

Desta forma, o educando perde uma das riquezas da escrita que é a sua capacidade de adaptação a diferentes públicos.

Escrever uma história para um colega é diferente de escrever para a professora.

** Aproveitando esta capacidade de transformação do texto para adaptar-se ao seu público, você pode sugerir aos educandos que escrevam a história da fábula para:*

- crianças bem pequenas,
- crianças maiores,
- leitores do jornal do bairro...

Será melhor ainda se você tornar real esta atividade de escrita fazendo com que o texto feito pelos educandos seja levado a quem ele se destina. Quem tem criança em casa leva, lê (ou conta) a história. para ela.

O leão e o rato

No texto desta fábula encontramos elementos que são importantes para o entendimento de qualquer narrativa.

Um destes elementos é a presença de personagens, no texto.

No caso de "O leão e o rato", as personagens são duas: leão e rato. Como nas fábulas os animais têm características e agem como seres humanos a escolha do leão e do rato não aconteceu por acaso. Ela teve sua razão de ser na representação que a nossa cultura faz destes animais. O leão é visto como forte, capaz de vencer os outros animais. O rato é pequeno, fraco, facilmente derrotado.

Estes conhecimentos, relacionados às personagens, que não estão escritos no texto, nos ajudam a compreender a história. O segundo dos elementos da narrativa é o enredo ou a existência de uma sequência de acontecimentos distribuídos numa determinada ordem.

No caso de "O leão e o rato", o enredo segue este caminho:

- o rato foi pego pelo leão;
- o leão não agiu contra sua presa;
- o leão caiu numa armadilha;
- o leão rugiu com toda força;
- o rato se aproximou, roeu o laço da rede salvando o leão.

O leão e o rato

Um rato, saindo do buraco, viu que estava entre as garras afiadas de um leão. Num gesto de bondade, o rei dos animais nada fez ao ratinho.

Mas, leão também corre perigo. Um dia, aquele leão ficou preso numa rede. Rugiu com tanta força que o rato ouviu e o socorreu, roendo a rede que o prendia.

Uma boa ação provoca outra.

O terceiro elemento da narrativa é o lugar onde acontece a história.

No caso de "O leão e o rato", o autor não definiu onde os acontecimentos se deram. Mas imediatamente imaginamos uma floresta, por ser ela o ambiente natural de leões. Como a fábula tem um caráter simbólico, ela retrata "leões" e "ratos" que podem viver em qualquer parte onde se encontram mulheres e homens.

O quarto elemento da narrativa é a presença de um narrador. No nosso caso, o narrador é o próprio autor do texto que conta e comenta a história. Ele conta a história mas não faz parte dela.

Em muitas narrativas, o autor entra na história sendo uma das personagens.

Quem conta uma história, conta sempre a partir do seu próprio enfoque.

** Como sugestão para o trabalho em sala de aula é interessante explorar o papel do narrador nas narrativas.*

Um exercício interessante para ser feito é o de mudar o narrador de uma narrativa.

Por exemplo: usando a fábula "O leão e o rato" podemos imaginar e escrever:

- como o leão contaria a história aos outros animais depois de ser salvo pelo rato;*
- como o rato contaria aos outros ratos a história da fábula;*
- como um inimigo do leão contaria para um repórter de jornal a história da fábula;*
- e um bajulador do leão como escreveria uma carta para seu bajulado felicitando-o por estar salvo.*

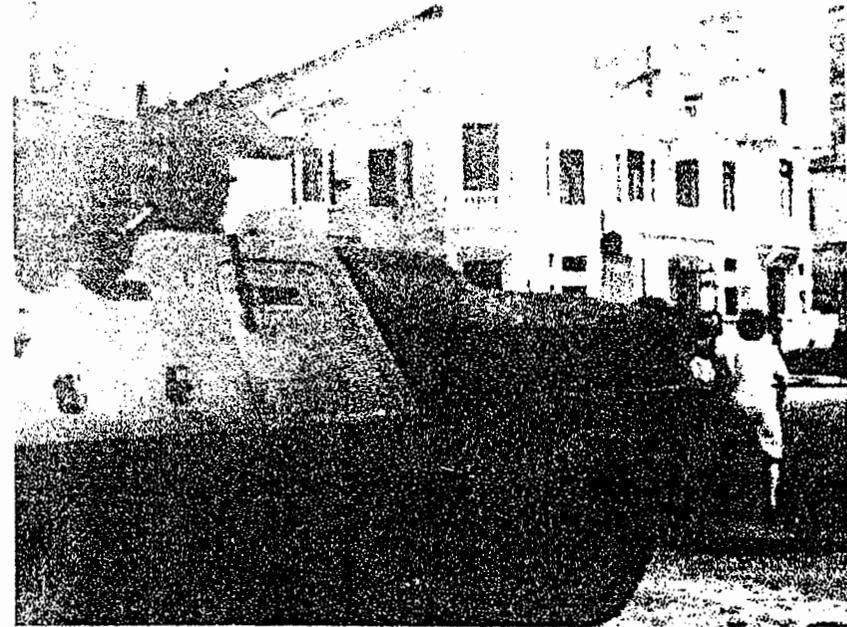
** Um outro bom exercício:*

No final da fábula: "O leão e o rato", o narrador chega a conclusão de que "mais vale a pertinaz labuta que o desespero e a força bruta."

-Vale a pena verificar se alguém da sua turma conhece algum caso que confirma esta afirmação.

-É também interessante verificar se alguém conhece algum caso onde a "pertinaz labuta" não "venceu a força bruta".

** Você pode escolher um destes casos para escrever. Depois, aproveite a história feita para encontrar nela: narrador, personagens, enredo, lugar onde aconteceu.*



A raposa e as uvas

Certa raposa muito esperta, quase morta de fome, saiu andando à caça. De repente, viu que passava por uma alta parreira carregada de cachos de uva bem maduras.

Como eram altas demais a raposa não duvidou e comentou:

-Estão verdes. Já vi que são azedas e duras. Se alguém me desse dessas uvas eu não comeria.

A raposa e as uvas

Você conhece o ditado popular que diz que quem desdenha quer comprar?

Pois, a fábula da raposa e das uvas está aí para dizer a mesma coisa.

A narrativa desta fábula começa mostrando as características da raposa naquele exato momento: esperta e faminta.

Em seguida, vem o curto desenrolar da história. A raposa sai e no caminho encontra algo para comer. Só que este alimento estava fora do seu alcance.

Rapidamente, usou a esperteza para compensar o desaponto: "as uvas estão verdes, não prestam".

O mecanismo usado pela raposa foi o de desvalorizar, diminuir o valor do que estava fora de suas possibilidades. Ela fez isto dando ao objeto inatingível qualidades negativas que o tornavam indesejáveis.

Aqui, como em muitas outras fábulas a linguagem acaba sendo usada para encobrir a verdade. Dizendo que as uvas eram verdes, a raposa disfarçava a sua falta de graça por não conseguir atingir o seu alvo: matar a fome.

Na sala de aula de alfabetização, este pequeno texto poderá provocar diferentes trabalhos.

** Como o texto é bem curtinho ele poderá ser explorado, quanto a sua leitura, individualmente ou em grupos.*

Mesmo quem está no começo do curso poderá usar o texto para encontrar nele :

- as palavras que formam o título,
- as palavras que estão no texto e no título;
- as palavras que já são reconhecidas pelo alfabetizando;
- o lugar onde lêem ou imaginam que diz: que a raposa saiu , que as uvas eram verdes,...

* Uma outra atividade poderá ser a de dividir a história em três parte, como capítulos de novela.

- Depois, escrever uma frase para cada uma das parte ou capítulos poderá ser um exercício de síntese e escrita. Quem está chegando e não quer escrever da sua moda pode ditar para você ou para um colega mais experiente.

* Na fábula, a raposa usa como desculpa para não comer as uvas o fato delas estarem verdes.

-Imaginando que estão no lugar da raposa, os alfabetizandos poderão encontrar outras desculpas para não saborear as uvas.

-Estas novas desculpas poderão preencher os espaços vazios de frases incompletas.

Um exemplo: "As uvas estão envenenadas, vi logo que estão cheias de agrotóxicos ".

"As uvas estão.....já vi que são"

"As uvas estão.....já vi que....."

"As uvas estãoporque"

* Vamos, agora, imaginar que logo depois da raposa comentar que as uvas estavam verdes tenha soprado um vento tão forte que tenha derrubado a parreira.

Com esta mudança como ficaria a história ?

- cada um poderá soltar a sua imaginação e assim criar uma nova história.

* Com a nova situação criada pela queda da parreira podemos novamente imaginar o que a raposa poderá dizer sobre as uvas:

"Estas uvas estão.....já vi que"

"Estas uvas estão.....logo vi que"

"Estas uvas estão.....porque....."

* Até então trabalhamos com a história contada pela fábula.

Mas você poderá trabalhar também com o significado desta história.

Por exemplo:

- Verificando se há entre os alfabetizandos alguém que já tenha vivido ou assistido a uma situação semelhante a da fábula.

Caso positivo, a história poderá ser contada e também escrita.

- Outro exercício interessante é o de re- escrever a fábula substituindo a raposa por um rapaz apaixonado e as uvas pela moça que não quer namorar com ele.



O rabo da raposa

Certa madrugada muito gelada, dona raposa tremendo de frio bebia água de um furo, no gelo do rio.

Distraída não notou que a ponta do seu rabo se molhou e se colou, no gelo.

A solução era fácil: dar um puxão, deixando algum pelo no gelo mas ficando a salvo dos caçadores.

"Mas estragar o lindo rabo? Oh, não! Como perder a ponta dessa cauda fofa e sedosa?"

Melhor é esperar pelo amanhecer - quem sabe o sol derrete o gelo e a cauda solta?"

A raposa espera enquanto o rabo gela e gruda mais. O dia amanhece mas o sol não aquece. E então, ela ouve vozes. Parece que vem gente.

Com grande medo ela quer fugir da situação e puxa o rabo.

"Ai! que safanão! Que aflição!"

A raposa se debate e pula mas a cauda está grudada que a pobre não consegue nada...

Por sorte, o lobo passa por ali.

- "Compadre" - grita ela. - "salvame, amigo! Não consigo soltar meu rabo!"

O lobo diz: - "Como seu amigo vou lhe ajudar neste perigo. Agüenta! O meu dente é forte, vai lhe salvar da feia morte!" e, - um, dois, três! - cortou-lhe o rabo, duma vez.

A raposa esquece a vaidade, larga o rabo e corre pra toca, contente de estar viva, quase inteira.



O rabo da raposa

"O rabo da raposa" é uma fábula russa. Uma história contada por um povo que vive muito distante de nós. A presença do rio gelado já revela esta realidade tão diferente. O texto que estamos apresentando foi escrito por Tatiana Berlink, uma escritora que nasceu na Rússia mas que há muitos anos conta histórias a crianças e adultos brasileiros.

A raposa, personagem tão frequente nas fábulas e histórias populares, aparece novamente. Desta vez, ela é vista em duas situações bem diferentes.

Na primeira, é apresentada como um animal muito vaidoso, preocupado em manter sua aparência onde realçam os pêlos macios.

Na segunda situação, ela aparece como um animal nervoso, enfrentando um grande perigo. Neste momento, para garantir a vida ela se torna capaz de sacrificar a própria beleza.

Entre o primeiro momento e o segundo há uma mudança significativa no comportamento da raposa. Esta mudança de comportamento se dá com a mudança da situação vivida pela nossa personagem. No começo, longe do perigo dos caçadores, a raposa pode manter a calma e esperar pelo dia seguinte na expectativa de manter intacto seu pêlo.

Com a ameaça dos caçadores, a raposa reavalia a suas possibilidades e vence a perda menor: a defesa do rabo dá lugar a defesa da vida.

Esta fábula sugere que agimos diante das possibilidades que a

realidade nos apresenta. Diante das mudanças como reavaliamos nossas decisões? Mudamos de atitudes?

Na sala de aula, a fábula "O rabo da raposa" pode inspirar atividades como:

** Vamos imaginar que uma pessoa vai procurar trabalho.*

- Esta pessoa vive numa cidade onde há grande oferta de empregos. Só não trabalha quem não quer.

O que esta pessoa vai levar em conta na hora de escolher o trabalho?

- Agora, esta pessoa mudou de cidade. As ofertas de trabalho são poucas. Para qualquer trabalho há uma grande quantidade de candidatos.

O que esta pessoa vai levar em conta na hora de escolher o trabalho?

- Discutam os resultados: por que estas diferenças?

** Uma outra questão:*

*- Você se lembra de alguma situação, em que a exemplo da raposa, também foi obrigado a mudar de opinião?
Conte e escreva sobre esta situação.*



A raposa e a cegonha

A fábula "A raposa e a cegonha" é uma fábula bem conhecida.

Trabalhar na alfabetização com textos cujo conteúdo seja conhecido de quem está aprendendo traz várias vantagens. Uma destas vantagens está no fato de que os educandos, sabendo de antemão o que está escrito, acabam tendo mais facilidade na leitura que se esforçam por fazer destes textos.

Nesta fábula a raposa e depois a cegonha se valem de um gesto que demonstra gentileza para pôr a outra no ridículo.

O convite para jantar serviu para encobrir o desejo de colocar a outra numa situação de dificuldade e frustração.

Além disso, a raposa foi refinada. Não fez aparentemente nenhum gesto contra a cegonha. Preparou o alimento que apreciava e o serviu como se nada de maldoso estivesse acontecendo.



** Na sala de aula, depois da leitura do texto, é possível entrar na história e buscar respostas para questões do tipo:*

- na opinião de cada um, que razões levariam a raposa a convidar a cegonha para jantar;

- na opinião de cada um, que motivos levariam uma cegonha a aceitar o convite de uma raposa;

Os motivos podem ser escritos e depois confrontados. É interessante observar os motivos que foram mais frequentes, os mais originais, ...

* Nesta fábula, aparece com força o mecanismo de agradar e depois frustrar.

- Entre os alfabetizando haverá alguém que se lembre de uma situação onde este mecanismo tenha também sido usado?

O "caso" pode ser contado e registrado através de desenhos, escrita ou dramatização.

* Você já percebeu como alguns programas de auditório que aparecem na TV usam deste mesmo mecanismo (usado pela raposa) de deixar o participante com a "cara de bobo"? Você pode verificar se alguém está lembrado de algum destes momentos.

Caso positivo , é bom pedir ao educando que conte:

- como isto aconteceu,
- se ele riu da situação ,
- o que havia de engraçado...

Caso negativo, por que não pedir aos educandos que fiquem atentos (principalmente aos domingos) e tentem descobrir estas situações.

* Outras questões ligadas a fábula :

- Se você fosse a raposa e recebesse um convite da cegonha depois do que você fez com ela, você imaginaria que ela queria se vingar?

- O que você faria para não ser caçoado por ela?

Conte como você faria.

A causa da chuva

Millôr Fernandes explora com esta fábula o fato de que uma mesma coisa pode ser vista de diversos pontos de vista. Ele faz isto apresentando como um fenômeno : a chuva, pode ter sua causa explicada diferentemente pelas diferentes personagens.

Esta fábula é também significativa para nós, educadores. Muitas vezes trabalhamos com um educando durante muito tempo e nunca tentamos perceber através de qual ângulo ele compreende o que estamos ensinando.

Afinal, nosso grande desafio é exatamente este: ampliar a visão do educando para que ele possa "ver" com muitos e diferentes olhos, para assim interferir na realidade mais eficazmente.

Na sala de aula , vale a pena explorar esta questão das diferentes formas de ver, através de várias maneiras.

* Uma primeira e bem simples consiste em escolher um objeto (uma cadeira, uma caixa...ou até mesmo uma pessoa) e examiná-lo de diferentes ângulos : de cima, de baixo, do lado, da mesma altura...

- Desenhar este objeto a partir das diferentes visões é uma atividade bem interessante.

Se você conhece alguém que desenhe bem , tente colocá-la nesta atividade. Ela ajudará e todos ganharão com isto!

A causa da chuva

Não chovia há muitos e muitos meses, de modo que os animais ficaram inquietos. Uns diziam que ia chover logo, outros diziam que ainda ia demorar. Mas não chegavam a uma conclusão.

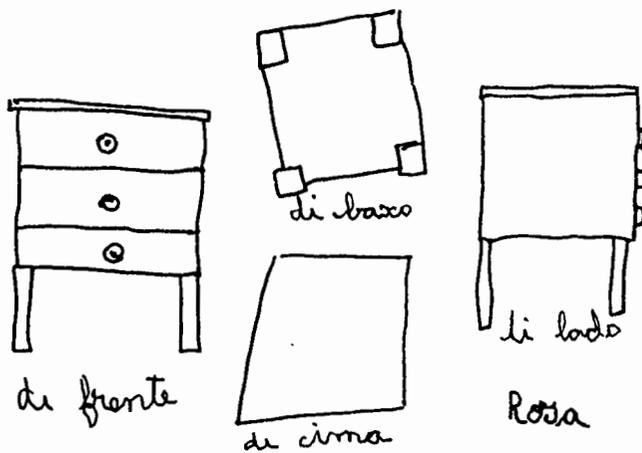
- Chove só quando a água cai do telhado do meu galinheiro - esclareceu a galinha.
- Ora, que bobagem ! - disse o sapo de dentro da lagoa. - Chove quando a água da lagoa começa a borbulhar suas gotinhas.
- Como assim ? - disse a lebre. - Está visto que só chove quando as folhas das árvores começam a deixar cair as gotas d'água que têm dentro.

Nesse momento começou a chover.

- Viram ? - gritou a galinha. - O telhado do meu galinheiro está pingando. Isso é chuva!
- Ora, não vê que a chuva é a água da lagoa borbulhando? - disse o sapo.
- Mas, como assim ? - tornou a lebre. - Parecem cegos ! Não vêem que a água cai das folhas das árvores ?

Moral: Todas as opiniões estão erradas.

- os desenhos poderão ser postos em varais, fáceis de montar



* Num outro momento, você poderá levantar questões (como as que se seguem) e depois confrontar as respostas dadas:

- Como os nordestinos vêm o sul? Por que?
- Como quem vive no sul vê a sua região? Por que?
- Como os pobres explicam a pobreza? Por que?
- Como os ricos explicam a pobreza? Por que?
- Como os trabalhadores rurais vêm a reforma agrária? Por que?

- Como os latifundiários vêm a reforma agrária? Por que? Depois você poderá ajudar na busca das respostas com opiniões encontradas em jornais e revistas, como estas:

- "Ando, ando e não acho serviço. Assim num dá! Essa terra tá danada..." *desempregado de S. Paulo*
- "A pobreza é falta de educação e de vontade de trabalhar" *mulher rica.*

* Num terceiro momento, você poderá trazer várias pequenas histórias, que você selecionará de algum livro. Com este material poderão descobrir quem está, em cada caso, contando a história.

O narrador, ou quem conta a história é um dos elementos da narração. O narrador pode ou não participar da história. Quando ele participa da história, o narrador assume o papel de uma das personagens. Portanto, dependendo da escolha do escritor, uma narrativa pode ser feita de diferentes pontos de vista, dependendo da personagem escolhida para ser o narrador. Esta possibilidade de escolher o ponto de vista tem o nome especial: **foco narrativo**. O **foco narrativo** é o ponto de vista que o narrador utiliza para nos contar um fato.

Na sala de aula, depois de descobrir quais os narradores das histórias que você trouxe, você poderá escolher uma e com ela construir com os educandos diferentes versões. Basta que cada educando escolha contar a história como sendo uma das personagens.

O foco narrativo pode ser de primeira ou de terceira pessoa.

Vamos ver como isto funciona:

Quando a personagem participa da história ao mesmo tempo que conta esta história dizemos que o foco narrativo é de **primeira pessoa**. Aqui estão alguns exemplos:

"Quando cheguei a Maria estava conversando com a filha. Fiquei esperando a conversa acabar para dar as notícias..."

" Troquei um rádio antigo por um moderno para ouvir bem os jogos do Brasil ".

Quando alguém está observando o fato e nos conta o que acontece ou aconteceu dizemos que o foco narrativo é de **terceira pessoa**.

"Maria estava conversando com a filha quando chegou um homem. Ele esperou a conversa acabar para dar algumas notícias..."

" A mulher trocou o rádio antigo por um moderno para ouvir bem os jogos do Brasil".

Existem diferenças muito importantes entre narrar em primeira ou em terceira pessoa.

O narrador em primeira pessoa participa dos acontecimentos e, por isso pode contá- los mais detalhadamente. Mas, ele está mais envolvido nos fatos e dá ao leitor a sua versão, ou melhor a história vista do seu ponto de vista.

O narrador em terceira pessoa tem uma visão mais ampla dos fatos e tende a ser mais direto e objetivo.

Na sala de aula , é interessante fazer com que os educandos experimentem as diferenças entre contar uma história em que ele faz parte e outra em que ele apenas conta o que não aconteceu com ele.



O galo e a raposa

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: Deixe estar, seu malandro, que já te curo!... E em voz alta falou: - " Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos, como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor."

- "Muito bem!" - exclama o galo. " Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldades e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização."

Ao ouvir falar em cachorro, Dona Raposa não quis saber de história e foi logo dizendo:

- " Infelizmente, amigo Có- ri- có- có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim?"

Contra a esperteza, esperteza e meia.

O galo e a raposa

Quando fazemos a leitura desta fábula, percebemos de imediato uma história que pode ser resumida assim :

- um galo esperto, sabendo que a raposa é inimiga , busca proteção longe das garras dela;
- a raposa tenta convencer o galo de que não há mais guerra entre os animais;
- o galo faz de conta que acredita na conversa da raposa. Finge alegria e convida a raposa a esperar a chegada dos cães para que todos juntos comemorem a paz
- a raposa, sem contrariar o que dissera o galo, sai rápido e vai embora.

Mas podemos organizar esses dados concretos num outro nível, mais abstrato e assim teremos:

- uma das personagens do texto (o galo) demonstra ter consciência de que os animais estão em estado de guerra;
- uma outra personagem (a raposa) demonstra que os animais estão em estado de paz;
- no nível da aparência, do faz- de- conta, ambos percebem ter entrado num acordo. Mas, no nível da realidade, os dois continuam em desacordo: o galo duvida da raposa.

A esperteza do galo manifestou - se exatamente no fato de ter dado a impressão de estar de acordo com a raposa, quando na realidade continuou desconfiando dela. Desta forma ele manteve a sua vida.

Na sala de aula, esta fábula com todas as outras, poderá ser lida em pequenos grupos. Dependendo da turma , você precisará ler novamente o texto. Mas isto não elimina o esforço de todos em "ler" o texto, com a ajuda da gravura e de tudo que já é conhecido.

Depois cada grupo poderá responder a questões do tipo:

- fazer uma listagem com animais e seus respectivos inimigos;
- discutir e escrever qual foi a esperteza usada pela raposa;
- discutir e escrever qual foi a esperteza usado pelo galo;

** Um outro exercício interessante será o de imaginar e depois escrever como a raposa contaria esta história numa reunião de raposas.*

Um outro grupo de educandos poderá contar e escrever a história como contada pelo galo a um grupo de galinhas.

** Na fábula, a esperteza teve sucesso.*

Entretanto, nem sempre isto é verdadeiro.

Criar uma história para desdizer a fábula é uma boa atividade.

(Os jornais trazem muitos casos destes. Principalmente, no noticiário policial)

** Você poderá sugerir a leitura da fábula "O corvo e a raposa" e depois propor este exercício interessante e criativo:*

- imaginar que o galo de "O galo e a raposa" tenha se encontrado com o corvo de "O corvo e a raposa" e neste momento tenham comentado a experiência que tiveram com a raposa.

Esta conversa pode ser apresentada , sob a forma de:

- um relato escrito ,
- um pequeno texto para dramatização,
- uma história em quadrinhos,
- uma carta de alerta aos outros animais da floresta.

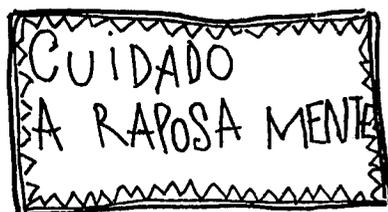
Estes exemplos são desta atividade:

"No dia 12 de setembro o galo e o corvo se encontraram no restaurante dos bichos. O galo tinha enganado a raposa no dia 5 quando ela fingiu que era amiga dele. O corvo já não teve sorte e caiu no conto da raposa.

Depois de grandes abraços o galo começou a conversa e falou: -' Meu amigo corvo, consegui enganar a raposa e fiz isto contente porque fiquei sabendo o que aquela danada fez com você '.

O corvo agradeceu e falou: " Galo, você merece parabéns porque foi muito esperto. Eu fiz papel de bobo porque fiquei muito valdoso com as mentiras da raposa. Aquele animal é muito maldoso quer sempre vencer os outros e tirar vantagens. Ainda bem que você pegou a traçoira "

J.A



O texto de "O galo e a raposa" apresenta uma conversa entre os animais. O autor faz isto, reproduzindo, no texto, a própria fala da personagem.

Nós educadores devemos nos deter um pouco sobre as possibilidades deste recurso. É interessante também conhecer as outras formas de trazer para a narração as opiniões e falas das personagens.

- "Muito bem!- exclama o galo. " Não imagina como tal notícia me alegra!...Vou já descer para abraçar a amiga raposa..."

Esta forma de expressar as palavras ditas ou pensadas pela personagem tem o nome de **discurso direto**.

Agora, vamos observar o que acontece quando é o próprio narrador que conta o que a personagem falou ou pensou.

O galo, do alto do poleiro, afirmou com entusiasmo que ninguém imaginava como a notícia alegrava a ele. Pouco depois completou dizendo que logo mais desceria para abraçar sua amiga raposa.

Vamos conferir as diferenças:

- o escritor precisou usar palavras como: afirmou, completou dizendo...(poderia ser: ponderou, gritou, concluiu, falou...) para indicar o modo como a frase foi dita;
- a palavra **que** passou a ser usada com frequência;
- algumas palavras foram substituídas, como: **me** a ele; a amiga sua...
- o tempo dos verbos se modificaram.

O **discurso indireto** é este recurso através do qual o narrador nos conta aquilo que a personagem falou ou pensou. Nesse caso, o narrador não reproduz exatamente as frases ditas, mas transmite apenas o conteúdo delas.

Na sala de aula, poderá ser muito proveitoso examinar os usos do discurso direto e indireto. Evidentemente que não há nenhuma necessidade de neste momento usar esta nomenclatura. Basta praticar estes usos e perceber como são empregados.

Os trabalhos que se seguem, são exemplos deste uso.

- 1- Os educandos recortam e colam figuras expressivas;
- 2- Escrevem uma fala para cada personagem;
- 3- Completam frases usando as falas criadas no exercício 2.



NAIR

Se a estátua da Liberdade
pudesse falar ela diria que... VE MUITA
gente...



JOSÉ

Cansado de tanto capinar José desabafou
dizendo que... o pobre é ferrado...



Para Nair o Cristo Redentor vive
falando que... ELE VE MUITA POLUIÇÃO

Você deve ter observado que quando os educandos foram completar as frases acabaram por modificar o que eles próprios escreveram nas falas dos balões.
Certamente que "Só vejo poluição" é diferente de "ver muita poluição";
"Nós pobres estamos ferrados" é diferente de "o pobre é ferrado";
"Ter muita gente lá em baixo" é diferente de "ver muita gente".

Estas trocas são muito frequentes. Elas acontecem porque quando ouvimos ou lemos uma afirmação e vamos repeti-la acabamos dando também a nossa interpretação.

O engano dos educandos foi natural, comum a quem está aprendendo a lidar mais cuidadosamente com as palavras. Mas, este uso indevido do **discurso indireto** aparece todos os dias nos jornais, nos noticiários das televisões, etc...a serviço de grupos, governos, empresas...

Saber ler e escrever é também perceber estas possibilidades e descobrir que a língua escrita não é alguma coisa neutra, sem sal.



A "leitura" e a imagem

O **CONFABULANDO** - livro do educando apresenta um grande número de bonitas ilustrações. Elas não foram colocadas lá gratuitamente. Apenas lamentamos não poder reproduzi-las com as cores em que foram realizadas. Mesmo assim, em preto e branco, elas formam um dos elementos importantes do livro.

Mas, esta importância tem seus motivos.

* As ilustrações servirão de guia para muitos dos educandos.

Quando ainda não se lê um texto escrito a ilustração serve como uma referência. Ela indica o que está sendo contado. E, ao fazer isto permite uma "leitura possível" do texto.

* As ilustrações ajudam na compreensão das situações relatadas pelo texto escrito;

* As ilustrações mostram aos educandos que existem outras linguagens além da fala e da escrita. Principalmente num curso de adultos, é muito importante mostrar desenhos feitos por adultos. Só desta forma os educandos vão deixando de ver o desenho como uma brincadeira de criança, e assim, abrir para eles esta possibilidade de expressão.

* As ilustrações selecionadas apresentam diferentes estilos de trabalho. Isto poderá ser uma riqueza no sentido de despertar comparações, revelar gostos, incentivar produções pessoais...

Bibliografia

Para você que deseja ir mais a fundo no conhecimento do texto narrativo:

-Leite, Lígia Chiappiani M.

O foco narrativo - Ática - São Paulo - 1985

- Faraco, Carlos

Trabalhando com a narrativa - Ática - São Paulo - 1992

- Lage, Nilson

Linguagem jornalística - Ática - São Paulo - 1985

- Martins, Maria Helena

O que é leitura - Brasiliense - São Paulo - 1982

Anotações